

# A teoria da antropologia da civilização: tradução para a língua inglesa do *habitus* cultural brasileiro de Darcy Ribeiro

(Social anthropology of civilization theory: English translation of Darcy Ribeiro's Brazilian cultural *habitus*)

Talita Serpa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IBILCE/UNESP)

talitasrp82@gmail.com

**Abstract:** The main purpose of this paper is to investigate the social and linguistic behaviors of translators in face of cultural barriers in translation, analyzing the translational process into English of the anthropological terminology developed by Darcy Ribeiro. With this aim, we used a parallel corpus composed by the works *O processo civilizatório* (1968) e *O povo brasileiro* (1995); and by their respective translations, performed by Meggers and Rabassa. The methodology used was based on Corpus-Based Translation Studies (BAKER, 1993, 1995, 1996; 1999; CAMARGO, 2005, 2007), Corpus Linguistics (BERBER SARDINHA, 2004, 2000) and Terminology (BARROS, 2004). For data analysis, we adopted Sociology of Translation theories (SIMEONI, 1998, 2007; GOUANVIC, 1995, 1999), as well as the *habitus* conception, proposed by the sociologist Pierre Bourdieu (1980a).

**Keywords:** Corpus-Based Translation Studies; Corpus Linguistics; Anthropological Terminology; Darcy Ribeiro; cultural and translational *habitus*.

**Resumo:** O principal objetivo deste trabalho é investigar os comportamentos linguístico-sociais de tradutores diante dos limites culturais na tradução, analisando, para isso, o processo tradutório para a língua inglesa da terminologia antropológica desenvolvida por Darcy Ribeiro. Para tanto, nos valem de um corpus paralelo composto pelas obras *O processo civilizatório* (1968) e *O povo brasileiro* (1995) e pelas respectivas traduções, realizadas por Meggers e Rabassa. A metodologia utilizada foi dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1993, 1995; 1996, 1999; CAMARGO, 2005, 2007), da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004, 2000) e da Terminologia (BARROS, 2004). No tocante à análise dos dados, adotamos a Sociologia da Tradução, além do conceito de *habitus*, proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1980a).

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução Baseados em *Corpus*; Linguística de *Corpus*; Terminologia Antropológica; Darcy Ribeiro; *habitus* cultural e tradutório.

## Introdução

Distintas formas de organização dos seres humanos em sociedade sempre constituíram um fator de relevante interesse para a área das Ciências Sociais. No século XIX, a preocupação com organizar de modo coerente todos os questionamentos e ideias sobre os temas sociais possibilitou o reconhecimento de uma proposta teórico-metodológica autônoma, a qual se tornou mais clara após a publicação de trabalhos como os de Auguste Comte, Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. As Ciências Sociais, então, expandiram-se e ramificaram-se em várias subáreas como a Antropologia, a Ciência Política, a Economia e a Sociologia, entre outras.

No âmbito dos estudos voltados às questões culturais, a Antropologia destacou-se como importante vertente, a qual se dedica a explorar teorias sobre a origem e a diferenciação entre homens e sociedades.

No início do século XX, o avanço das análises socioculturais levou à descoberta da cultura como fenômeno humano singular, dotado de lógica e autonomia em relação ao biológico e geográfico. O interesse do novo grupo de pesquisadores, formado por autores como Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss, respectivamente de linha inglesa e francesa, concentrou-se na identificação das funções e das estruturas capazes de proporcionar o conhecimento de costumes e representações sociais de tribos nativas. A compreensão de tradições, mitos e cultos permitiu aos pesquisadores descobrirem a dinâmica de certas construções culturais, as quais, uma vez institucionalizadas, regulavam e davam sentido a práticas sociais complexas. Os conjuntos de comportamentos orientariam as atividades humanas de modo que os costumes agiriam como instituições e fontes de valor (MICELI et al., 1989).

Dessa forma, no intuito de delimitar as linhas estruturais das culturas e sociedades da América Latina, assim como de difundir as proposições teóricas dos maiores antropólogos europeus nos países em desenvolvimento, os governos e instituições de pesquisa das antigas metrópoles coloniais promoveram a elaboração de um trabalho científico interacional nas nações ameríndias. Com isso, tornou-se iminente um intenso processo tradutório com o objetivo de adequar os textos originais (TOs) às novas necessidades contextuais de investigação, alterando não somente os elementos linguísticos, mas também as relações entre os povos envolvidos e elevando a tradução a um caráter de ato cultural.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa antropológica no Brasil, este se concretizou com a criação do curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) e na Escola de Sociologia e Política (ESP), na década de 30. Nesta época, a pesquisa realizada no país permaneceu fundamentada em investigações baseadas em teorias europeizadas e tinha por principal material os registros etnográficos de pesquisadores franceses e ingleses.

Em oposição às perspectivas analíticas pré-concebidas, antropólogos brasileiros, como Roberto DaMatta e Darcy Ribeiro, propuseram a elaboração de uma teoria que se concentrasse na construção de uma avaliação das condições típicas do Brasil

A esse respeito, Darcy Ribeiro (1995) enfatiza que:

[...] nos faltava uma teoria geral, cuja luz nos tornasse explicáveis em seus próprios termos, fundida em nossa experiência histórica. As teorizações oriundas de outros contextos eram todas elas eurocêntricas demais e, por isso mesmo, impotentes para nos fazer inteligíveis. Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum. (RIBEIRO, 1995, p. 13)

O autor trabalhar uma multiplicidade de papéis sociais de personagens brasileiros, o que lhe permite concentrar a análise antropológica nacional em dois focos principais: a questão dos índios e negros e a formação da identidade do povo brasileiro, criando assim uma série de seis livros intitulada *Antropologia da Civilização* (doravante AC).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As publicações compreendem os trabalhos: *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural* (1968); *As Américas e a civilização* (1970); *Os índios e a civilização* (1970); *O dilema da América Latina* (1971); *Os brasileiros* (1972); e *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995).

Darcy Ribeiro promove novos parâmetros, cria novos termos e recategoriza hipóteses precedentes, adaptando-as à proposta de uma Antropologia Brasileira. Dessa maneira, o estudioso procura trabalhar um conjunto de teorias que se desvencilha das traduções das propostas metodológicas precedentes.

Dentro desse quadro, o presente trabalho busca observar o comportamento linguístico<sup>2</sup> de dois tradutores ao lidarem com dificuldades oriundas do processo tradutório de duas obras darcynianas, as quais apresentam como característica marcante o uso de uma terminologia relacionada à formação da Cultura Brasileira. Para tanto, apresentamos os resultados da pesquisa realizada a partir dos TOs em português *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural* (1968) e *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), e dos textos traduzidos (TTs) para o inglês *The Civilizational Process* (1968) e *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil* (2000), realizados, respectivamente, por Betty J. Meggers e Gregory Rabassa.

Dessa forma, partindo dos aspectos previamente mencionados, por meio da reflexão sobre aproximações e distanciamentos na tradução para o inglês de termos simples, expressões fixas e semifixas presentes nos corpora de TOs e de TTs da subárea de AC, objetivamos desvendar, com o auxílio da Linguística de Corpus (BERBER-SARDINHA, 2000, 2004), mecanismos de reinterpretação cultural por meio da prática tradutória. Nesse sentido, valemo-nos, também, das teorias postuladas pela Sociologia da Tradução (SI-MEONI, 1998, 2007; TOURY, 1978; GOUANVIC, 1999, 2002, 2005), com o propósito de descobrir se há a ocorrência de um *habitus* tradutório para a tradução intercultural de textos seminais de Darcy Ribeiro.

## Fundamentação teórica

Este trabalho baseia-se na abordagem teórico-metodológica de Mona Baker (1993, 1995, 1996, 1999) para os Estudos da Tradução Baseados em *Corpus*. A proposta da autora, no tocante à investigação de TTs, fundamenta-se nos Estudos Descritivos da Tradução, com base nos trabalhos de Even-Zohar (1978) e, principalmente, de Toury (1978). A autora também se apoia nas investigações de Sinclair (1991), quanto ao aporte teórico da Linguística de *Corpus*.

Baker (1995) considera a análise de *corpus* uma rica fonte de material descritivo-comparativo que pode auxiliar na percepção de diferenças entre a linguagem da tradução e a dos textos originalmente escritos em uma dada língua. Apresenta sua concepção de *corpus*, na qual explicita a preferência pela análise por meio de computador:

[...] corpus é um conjunto de textos naturais (em oposição a exemplos/sentenças), organizados em formato eletrônico, passíveis de serem analisados, preferencialmente, em forma automática ou semi-automática (em vez de manualmente).<sup>3</sup> (BAKER, 1995, p. 226; traduzido por Camargo, 2007, p. 18)

2 Entende-se por comportamento linguísticos as escolhas léxico-semânticas e sintáticas adotadas pelos tradutores na composição de seus TTs.

3 *Corpus mean[s] any collection of running texts (as opposed to examples/sentences), held in electronic form and analysable automatically or semi-automatically (rather than manually).*

É importante observar que a Linguística de *Corpus* fundamenta-se a partir de uma base empirista e considera a linguagem como um sistema probabilístico. Para Berber-Sardinha (2004), “[...] a visão da linguagem como sistema probabilístico pressupõe que, embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (p. 30).

Compreendemos, com isso, que a linguagem apresenta dada regularidade, o que permite que seja mapeada de acordo com o contexto de uso. Dessa forma, no âmbito da tradução, é possível delinear, por meio da análise de *corpora*, quais os comportamentos recorrentes no processo de transposição de uma língua à outra. Isso significaria dizer que, como afirma Berber-Sardinha (2004, p. 31), a linguagem é padronizada e não um conjunto de escolhas aleatórias de indivíduos isolados.

Em nossa pesquisa, também fazemos uso de pressupostos da Terminologia, visto que suas teorias tendem a fornecer o material necessário à atividade tradutória, de modo que os profissionais da área passam a contar com o acesso rápido aos termos apropriados dos mais diversos campos de produção técnico-científica.

Sendo assim, observamos os termos especializados, entendidos como a “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p. 5, apud BARROS, 2004, p. 40). Compreendemos, ainda, que “termos” caracterizam conceitos específicos de um domínio de especialidade. Quanto à definição de “expressões fixas”, Baker (1992) considera que são expressões consagradas, referentes a determinados tipos de texto, e que permitem pouca ou nenhuma variação. No caso das expressões semifixas, Camargo (2005) aponta que apresentam maiores variações e carregam consigo todo um contexto, podendo ser consideradas específicas de uma determinada língua de especialidade.

No âmbito da construção terminológica na área das Ciências Sociais, Barros (2004) considera que os povos recortam a realidade de maneiras diferenciadas e as conceituações das representações sociais são designadas por unidades lexicais que, consideradas como signos de domínios específicos da atividade da comunidade sociocultural, podem ser afirmadas como unidades terminológicas. Verifica-se que cada antropólogo delimita seu campo de estudo e procura conceber nomeações para seus objetos de análise. Temos, por conseguinte, que as subáreas das Ciências Sociais apresentam um vocabulário especializado com a criação de conceitos teóricos que assumem características próprias dentro da obra de cada pesquisador. Contudo, a maioria dos estudiosos dedica-se a fenômenos socioculturais específicos e, com isso, os fatos e elementos da sociedade sob pesquisa tornam-se parte da terminologia daquele autor.

Nesse sentido, acreditamos que as escolhas terminológicas que os tradutores adotam, em seus TTs, correspondem ao que Simeoni (1998; 2007) e Gouanvic (1997; 1999; 2002; 2005) chamam de *habitus* tradutório, conceito cujas bases remontam a teoria sociológica de Pierre Bourdieu (1972; 1980; 1982).

A proposta teórica concernente à tradução é a de que os tradutores são motivados por determinados *habitus* pelos quais se inserem em campos de atuação distintos. De acordo com Bourdieu (1972; 1980), entende-se por *habitus* um conhecimento adquirido em sociedade que permite a regulação das práticas sociais de modo consciente. Esta consciência integra o conjunto das disposições que constituem a competência para que os

agentes (tradutores) tenham acesso a estratégias adequadas e possam obter maiores possibilidades de lucro (sucesso). O *habitus* é constituído, na realidade, por todas as medidas, padrões de ação ou percepção que os indivíduos adquirem por meio de sua experiência social. Ao socializarem-se, os homens incorporam maneiras de pensar, sentir e agir, que são sustentadas pelo coletivo. Bourdieu (1972; 1980a; 1982) considera que estas disposições são a fonte de práticas futuras dos indivíduos.

Notamos que a ação tradutória pode ocorrer, portanto, no interior dos campos em que é gerada pelos TOs, primeiramente, havendo uma atividade constante de adaptação, negociação e reinserção dos dados linguísticos e extra-linguísticos em um ciclo de cooperação e desenvolvimento. Os tradutores são agentes envolvidos nestes procedimentos, de modo a operarem e transformarem o processo tradutório por meio do trabalho de seus *habitus*.

O produto de uma tradução constitui uma vasta área de análise da interação social, o que nos permite ampliar nosso ponto de vista sobre características e valores das sociedades de partida e de chegada. Podemos identificar, por meio de um olhar sociológico, alguns condicionantes sociais que delimitam o *habitus* tradutório contido no léxico terminológico, assim como reconhecer as estratégias de exposição de dados culturais em outras sociedades.

Neste âmbito, por meio da análise de corpus, é possível verificar as recorrências lexicais e terminológicas como tendências à obediência das condutas tradutórias ou à assimilação de um *habitus* recorrente que acaba sendo reconhecido pela observação do produto, ou seja, o TT. A proposta de um padrão para a tradução de termos corrobora, por conseguinte, a visão sociológica de que os tradutores assumem uma dada postura e que se adequam a condutas semelhantes.

## Material e método

Para esta investigação, foi compilado um *corpus* principal paralelo, composto pelas obras: *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural* (1968) e *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), de autoria de Darcy Ribeiro; e pelas respectivas traduções para o inglês: *The Civilizational Process* (1968) e *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil* (2000), realizadas, respectivamente, por Betty J. Meggers e Gregory Rabassa.

O levantamento dos dados foi realizado com a utilização das ferramentas *Keywords* e *Concord* do software *WordSmith Tools*, as quais facilitam a compilação dos termos e expressões, assim como de seus contextos de uso.

Para a extração de palavras-chave, que podem constituir os termos antropológicos estudados, é necessário trabalhar com corpora de referência pelo menos cinco vezes maiores que os corpora de estudo. Dessa forma, em português, utilizamos o *corpus Lácio-Ref*, um corpus aberto e de referência do português contemporâneo do Projeto *Lácio-Web*, composto de textos em português brasileiro, tendo como característica serem escritos respeitando a norma culta. A taxonomia de gêneros do *Lácio-Ref* é composta por textos científicos, de referência, informativos, jurídicos, prosa, poesia, drama, instruções e técnico-administrativos.

Da mesma maneira, para extraímos as palavras-chave em inglês, empregamos, como corpus de referência, o *British National Corpus (BNC Sampler)*, composto por textos originalmente escritos em inglês e desenvolvido pela parceria de membros da Oxford University Press, Longman Group Ltd., Chambers Harrap, Oxford University Computing Services, UCREL – Lancaster University e British Library Research and Development Centre.

## Análise dos resultados

Para a análise de um possível *habitus* tradutório para os termos simples, expressões fixas e semifixas de AC, no contexto de produção dos livros *O processo civilizatório* e *O povo brasileiro*, procedemos, a princípio, o cruzamento entre as listas de palavras-chave em Língua Fonte (LF) de cada uma das respectivas obras. Entre as cem palavras-chave dos corpora acima mencionados, 22 coincidiram, como, por exemplo: “aldeia”; “civilização”; “economia”; “escravos”; “etnia”; “guerra”; “população”; “povos”; “sociedade”; e “subsistência”. O mesmo procedimento foi realizado para as listas de palavras-chave em Língua Meta (LM), revelando o reuso de 20 palavras, tais como: *bureaucracy; capitalism; civilization; colonialism; culture; economy; indigenous; people; population; e village*.

Estes dados revelam uma tendência à reutilização de termos no interior das obras darcynianas, assim como uma dada uniformização do uso da terminologia geral das Ciências Sociais pelo autor. Por conseguinte, no domínio do processo tradutório, observamos como Megger e Rabassa agiram mediante a propagação da linguagem de especialidade, e consideramos as distintas opções lexicais adotadas por cada tradutor como possíveis subsídios para a constituição de novos termos em LM, assim como para a possibilidade de diferentes interpretações dos conceitos sociais discutidos nas duas obras em análise. Abaixo, apresentamos o Quadro 1, com alguns exemplos desses termos:

**Quadro 1: Exemplos de Tradução de Termos Simples coocorrentes nas obras do corpus principal em LF e LM.**

Termos coocorrentes no par de obras em LF	Opção de Tradução de Meggers e Rabassa
Alienação	<i>Allienation</i>
Aristocracia	<i>Aristocracy</i>
Clã	<i>Clan</i>
Crença	<i>Belief</i>
Incesto	<i>Incest</i>

Verificamos que, em sua maioria, os termos que apresentam reuso nas teorias de Darcy Ribeiro remetem a questões previamente discutidas pela comunidade antropológica nacional e internacional. Por conseguinte, as opções tradutórias mostram-se regulares e demonstram o reconhecimento do *habitus* antropológico por parte de Meggers e Rabassa.

Ao analisarmos o emprego do termo “clã”, por exemplo, notamos que o autor aplica um conceito bastante difundido aos contextos brasileiro e latino-americano. O “clã” (*clan*) compreende um grupo de descendência unilinear, podendo ser patrilinear ou matrilinear, sem, contudo, apresentar cooperação entre os membros.

De acordo com o *Dicionário de Ciências Sociais* (1986), o termo “clã” foi originalmente usado em Antropologia para designar a sociedade teutônica<sup>4</sup> e a escocesa. Para Philpotts (1913), os “clãs” são “grandes grupos de parentesco, organizados em bases agnáticas” e um “clã” é um “parentesco agnático<sup>5</sup> fixo”.

Lawrence (1937), por sua vez, descreve a existência de grande número de “clãs” nos quais a descendência designa apenas o lado masculino, para os quais sugere o termo “patriclã”. Para os demais grupos, que determinam a descendência feminina, o teórico propõe o termo “matriclã”.

No campo da Antropologia, a obra *African Systems of Kinship and Marriage*, de Radcliffe-Brown (1950), apresenta que:

[...] o termo clã tem sido usado sem nenhuma definição clara. Há [...] muitos tipos diferentes de sistemas de clãs, mas o termo deve aplicar-se somente a um grupo que tem descendência unilinear e no qual todos os membros se considerem parentes num sentido específico. (p. 40)

Dessa forma, notamos as afinidades que a teoria darcyniana estabelece com os estudos socioculturais precedentes, assim como constatamos que os *habitus* das Ciências Sociais e da Antropologia são assimilados para a formulação da subárea da AC, a qual se aplica ao ambiente cultural, social e econômico latino-americano, o que pode mostrar certa necessidade inconsciente de tornar-se explicável pelas concepções definidas pela comunidade mundial de antropólogos.

Outro possível esclarecimento para esse intenso uso da terminologia precedente à criação da AC pode ser oferecido pelo imperativo de descrever fenômenos sociais de “brasilidade” ainda sem nomenclatura determinada, o que leva o autor a recorrer a conceitos abonados pela comunidade de especialistas e posteriormente incluir novos termos e expressões ao conjunto do léxico terminológico da área.

Confirmamos, com isso, que parte do *habitus* tradutório constitui-se do reconhecimento do constructo teórico-terminológico da área, o qual se soma a valores e fatos sociais específicos do Brasil para compor o campo de um estudo dos elementos culturais tipicamente nacionais.

Notamos, também, que a variação passa a fazer parte da conduta tradutória no momento que os tradutores percebem a permeabilidade do texto de Darcy Ribeiro e a capacidade do autor em permitir que sua teoria absorva elementos culturais diversos, primeiramente por meio do uso de termos disseminados por antropólogos e cientistas sociais em nível internacional e, posteriormente, pela inserção de elementos sociais e fenômenos culturais restritos ao povo brasileiro. Dessa forma, Darcy Ribeiro reconhece a diversidade tanto social quanto terminológica, conferindo a ela o papel de maior valor dentro das suas obras. O autor não despreza a influência exercida pelos demais pesquisadores; pelo contrário, absorve o que é indispensável a sua proposta teórica e aplica-a de maneira a explicar o Brasil.

---

4 A sociedade teutônica, também conhecida como teutões, corresponde aos povos germânicos que viviam ao norte da Europa.

5 Na Antropologia contemporânea, agnação e o adjetivo agnático dizem respeito à descendência comum traçada apenas pelo lado masculino (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 29).

Vimos que Meggers e Rabassa, ao lidarem com os TOs darcynianos, notam que não se trata apenas de uma ciência, mas sim de um posicionamento ideológico de identificação com o “ser brasileiro”. É necessário que o tradutor que se propõe a trabalhar os textos dessa Antropologia Brasileira reconheça a conduta seguida pelo autor antes de iniciar seu trabalho. A nosso ver, Rabassa equaciona essa relação de maneira bastante considerável, visto que consegue compreender o *habitus* do Brasil de maneira tão clara que sua obra acaba por se tornar ainda mais enfática na atitude identitária entre Darcy Ribeiro e o objeto de análise. Essa relação de trocas pode ser verificada nas escolhas lexicais de ambos os tradutores e na amplitude concedida aos termos, principalmente aos termos que apresentam marcas culturais, por via das alternâncias de termos nos TTs.

Dessa forma, notamos que, nos TTs, houve variação de uso de termos simples no processo de tradução para a LM. Apresentamos, abaixo, o Quadro 2, com alguns exemplos desse fenômeno tradutório:

**Quadro 2: Exemplos de Termos Simples coocorrentes nas obras do *corpus* principal em LF e as possíveis variações de Tradução em LM.**

<b>Termos Simples coocorrentes no par de obras em LF</b>	<b>Opção de Tradução de Meggers</b>	<b>Opção de Tradução de Rabassa</b>
Adorno/s	<i>Ornament/s</i>	<i>Adornment/s</i>
Agregado/s	<i>Retainer/s</i>	<i>Hired hands</i> <i>Sharecroppers</i> <i>Workers</i> <i>Household servants</i>
Chefe	<i>Head</i>	<i>Chief</i>
Culto	<i>Rite</i>	<i>Cult</i> <i>Worship</i> <i>Ritual</i>
Senhorio	<i>Ruler</i> <i>Landlord</i> <i>Feudal Lord</i> <i>Chief</i> <i>Master</i>	<i>Landowner</i> <i>Lord</i> <i>Mastery</i> <i>Landlord</i> <i>Owner</i> <i>Domain</i>

Observamos que termos como, por exemplo, “adornos”, “chefe”, e “culto” assumem características contextuais distintas e precisam ser descritos sob diferentes perspectivas.

No que concerne à tradução do termo “adorno”, verificamos que os tradutores alternam sua concepção, em LM, entre os conceitos de *ornaments* e *adornments* que, segundo o *Dictionary of Anthropology* (1961), representam, no primeiro caso, ferramentas e métodos usados para adornar o corpo e, no segundo caso, a concepção de peças de troca simbólica, como o ouro, embora sem valor monetário. Notamos, com isso, que os *ornaments* são encontrados entre todos os tipos de civilizações e consistem em objetos ligados aos corpos dos indivíduos, como pinturas e cicatrizes, assim como alterações na aparência física provocadas por processos de mutilação. As “ornamentações” geralmente estão relacionadas a exposições de hierarquias sociais, da sexualidade e dos elementos mágicos de uma comunidade.

Verificamos que o trabalho dos tradutores revela um avanço na tendência de permitir a introdução de suas identidades ao contexto da produção dos TTs, considerando, ainda, as diferenças de sentido implícitas na própria linguagem. Notamos que, a tradução de *O processo civilizatório* mostra-se mais próxima das áreas de especialidade conhecidas pela tradutora, havendo um apagamento de características culturais e mesmo terminológicas no texto de Meggers, ao passo que na tradução de *O povo brasileiro*, Rabassa parece refletir sobre as opções lexicais que se apresentam na LM, recorrendo a textos de outra natureza, como a produção literária nacional, para realizar uma pesquisa de adequação cultural.

A partir dessas constatações, passamos a observar como os tradutores trabalharam o reuso terminológico das expressões fixas e semifixas nas duas obras em análise, considerando a variação que se estabeleceu no processo tradutório da subárea de AC.

É interessante mencionar que a utilização de expressões mostrou-se bastante difundida nas obras do antropólogo brasileiro. Notamos, ainda, que, entre as expressões, a variação entre as escolhas lexicais de Meggers e Rabassa é menor, corroborando nossa proposta de que o *habitus* tradutório, quando incorpora os conhecimentos referentes ao campo das Ciências Sociais, tende a manter certa recorrência terminológica. Abaixo, apresentamos o Quadro 3, com exemplos de expressões coocorrentes que não sofreram variação na composição terminológica dos TTs:

**Quadro 3: Exemplos de Tradução de Expressões Fixas e Semifixas coocorrentes nas obras do corpus principal em LF e LM**

Expressões Fixas e Semifixas coocorrentes no par de obras em LF	Opção de Tradução de Meggers e Rabassa
Classe Social	<i>Social Class</i>
Comunidade Indígena	<i>Indigenous Community</i>
Mercado de Trabalho	<i>Labor Market</i>
Proletariado Externo	<i>External Proletariat</i>
Revolução Industrial	<i>Industrial Revolution</i>

A correlação que se configura entre as expressões fixas e semifixas em *O processo civilizatório* e *O povo brasileiro* está associada, em grande parte, à formação e consolidação das “sociedades modernas”, permeada pela inserção do “capitalismo” em comunidades antes pautadas pela “divisão social do trabalho” e pela “produção de subsistência”. Vemos, por conseguinte, o impacto do crescimento e a desintegração das “comunidades indígenas” (*Indigenous community*) em direção a um processo que culminou na automação e na mecanização de uma sociedade mais completa e diversificada. Darcy Ribeiro retoma, dessa maneira, as leituras apresentadas por Toynbee, na coletânea *A Study of History* (1934-1961), em que o teórico afirma que o colapso social dos grupos humanos condicionou o fracionamento da civilização em três: uma “minoridade dominante”, um “proletariado interno” e um “proletariado externo”.

Tais expressões, cunhadas, a princípio em língua inglesa, como *dominant minority*, *internal proletariat* e *external proletariat*, representam, respectivamente: 1) as minorias que controlavam as sociedades por meio do poder militar e político; 2) a massa de escravos que não podia desprender-se da minoria dominante; e 3) o conjunto de hordas bárbaras que se estabeleceram ao redor das civilizações, com objetivo de sobrepujá-las.

Este conjunto de práticas sociais direcionou os movimentos sociais que condicionaram a industrialização e a mercantilização, os quais, por sua vez, deram origem à “Revolução Industrial”. Da mesma maneira que as expressões anteriores, a noção de uma *Industrial Revolution* surgiu antes do conceito de “Revolução Industrial” e representou a soma total de transformações relativamente rápidas – nos campos econômicos, sociais e intelectuais – que provocaram o surgimento da sociedade industrializada na Inglaterra entre 1760 e 1860.

Por conseguinte, as expressões utilizadas em comum entre as duas obras do corpus principal e suas respectivas traduções representam uma intercalação teórica com os precedentes históricos que discorrem sobre o evolucionismo social com alcance mundial. Por tal razão, as expressões geralmente configuram traduções para o português de uma terminologia fundada, primordialmente, entre cientistas sociais europeus e norte-americanos. Neste momento, observamos a absorção e não a criação de uma teoria, o que pode explicar a acentuada regularidade nos padrões terminológicos em LF e LM.

No entanto, ao voltarmos nossa análise para o âmbito da variabilidade conceitual, verificamos que as alterações entre expressões fixas e semifixas nos TOs e nos TTs ocorrem com maior frequência no domínio que abrange os atores, atos e fenômenos sociais concernentes, em sua maioria, ao ambiente social latino-americano e brasileiro. Apresentamos, abaixo, o Quadro 4, com alguns dos exemplos deste fenômeno:

**Quadro 4: Exemplos de Expressões Fixas e Semifixas coocorrentes nas obras do corpus principal em LF e as possíveis variações de Tradução em LM**

Expressões Fixas e Semifixas coocorrentes no par de obras em LF	Opções de Tradução de Meggers	Opções de Tradução de Rabassa
Aldeia Indígena Diferenciada	<i>Undifferentiated Horticultural Village</i>	<i>Undifferentiated Agricultural Village</i>
Escravidão do Indígena	<i>Enslavement of the Indigenous Population</i>	<i>Enslavement of Natives</i>
Etnia Tribal	<i>Tribal Ethnic Group</i>	<i>Tribal Ethnicity</i>
Matriz Étnica	<i>Ethnic Group</i>	<i>Ethnic Base</i>
Povo testemunho	<i>Witness People</i>	<i>People who have watched the intrusions without losing former cultural integrity altogether</i>

Com a expansão da dominação europeia e a entrada dos colonizadores, os habitantes das “aldeias” foram submetidos ao processo de “escravização do indígena”. A concepção de “escravidão” (*slavery*), por sua vez, apresenta-se como uma relação de domínio/submissão entre os homens. Tanto em LF quanto em LM, o princípio básico do conceito envolve as disposições legais que permitem a posse de um “senhor” sobre a vida dos “povos escravizados”. Assim, o elemento essencial de um processo de “escravização” é o direito de forçar os “escravos” (*slaves*) a trabalhar ou prestar outros serviços sem remuneração, além de lhes tolher o direito à liberdade.

No ambiente social latino-americano, essa conduta dominadora partiu dos conquistadores portugueses e espanhóis, os quais, considerando-se superiores nos aspectos físicos, econômicos e culturais, promoveram uma “marcha de dominação” sobre os povos

locais, geralmente indígenas. Para Meggers, verificamos que os grupos dominados eram *Indigenous populations*, o que remonta à constituição de pequenas sociedades estruturadas e regidas por valores e leis próprias. Rabassa, por sua vez, direciona a compreensão do público da Cultura Meta para o fato de que o processo de “escravização” atingiu o grupo de habitantes nativos do território brasileiro. Sob a ótica deste tradutor, as relações de “interação” e de “identidade” com a “terra” são colocadas em evidência, em detrimento do conteúdo sócio-organizacional apresentado pelas “sociedades indígenas”, o qual é suprimido da noção contida no item lexical *natives*.

Dessa forma, notamos que os exemplos relacionados à variação na tradução das expressões fixas e semifixas corroboram nossa análise de que Meggers aproximou sua produção textual do TT das proposições teóricas que desenvolveu para as próprias obras, utilizando-se de uma terminologia recorrente aos campos das Ciências Sociais e da Antropologia. Ao contrário deste *habitus* tradutório voltado para a teorização e para um alcance maior das proposições metodológicas de estudo do processo civilizatório, verificamos que Rabassa procurou manter uma intrínseca relação de sentido com o senso identitário do brasileiro desenvolvido por Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro*.

### **Considerações finais**

Com o auxílio da abordagem teórico-metodológica baseada em corpus, foi possível comparar, de modo empírico, os dados de formulação e variação terminológica e social dos conceitos presentes nos TOs e nos TTs. Dessa forma, a interdisciplinaridade adotada e o uso de ferramentas de busca permitiram-nos verificar, ainda, as possíveis alterações de sentido contidas nas escolhas lexicais de autor e tradutores para termos e expressões frequentes em textos das Ciências Sociais e da Antropologia, como, por exemplo: “consanguinidade”, “caipira”, “capanga”, “favela” e “jagunço”. Com isso, procuramos encontrar as bases formadoras para um *habitus* tradutório comum e para uma conscientização do papel social do tradutor e do TT.

A escolha pelas obras darcynianas como corpus principal paralelo adequou-se aos propósitos de nossa pesquisa por favorecer o contato com uma teorização antropológica inovadora, a qual defendia o Brasil enquanto nação independente e mostrava os fundamentos de consolidação da nacionalidade brasileira. Sendo assim, Darcy Ribeiro trouxe à tona diversos aspectos da culturalidade nacional a serem trabalhados no âmbito da linguagem de especialidade da Antropologia, criando novos termos e referindo-se a vários elementos de “brasilidade” para a construção de seu ambiente de análise.

Analisamos, ainda, que a variabilidade das escolhas lexicais coloca os tradutores em uma posição importante como constituidores de novos termos e mediadores das relações conceituais. Observamos que o *habitus* tradutório seria uma representação das relações estabelecidas entre a Cultura Fonte e a Cultura Meta, as quais se apresentam no uso e nas escolhas do léxico. O papel social do tradutor, por conseguinte, estaria relacionado à apreensão das relações entre os *habitus* contidos nos TOs e a realocação dos mesmos na sociedade de chegada.

O *software WordSmith Tools*, por meio de suas ferramentas e utilitários, facilitou consideravelmente a pesquisa de uma grande quantidade de dados, obtidos de maneira muito mais rápida e precisa do que manualmente. As linhas de concordância serviram de

apoio e esclareceram dúvidas em relação à terminologia levantada, ao apresentarem os cotextos nos quais os termos e expressões estão inseridos. As concordâncias também permitiram observar a organização das palavras dentro dos sintagmas, favorecendo a análise de que os termos não têm significado independentes, visto que seus elementos interrelacionam-se criando especificidades próprias de acordo com o contexto a que se aplicam na Cultura Fonte ou na Cultura Meta.

Constatamos que as expressões fixas e semifixas são comumente formadas, por Darcy Ribeiro, por meio da composição e associação entre termos em português, como, por exemplo, em “índio” → “índio missioneiro” → “índio missioneiro desvirilizado”. Verificamos que os tradutores também recorrem ao emprego de expressões produzidas da mesma forma, como, por exemplo: *Indian* → *missionary Indian* → *tame missionary Indian*.

Como mencionado anteriormente, esses fatores favoreceram a observação de um comportamento recorrente por parte dos tradutores, o qual nos levou a trabalhar as questões sociais envolvidas no processo e no produto tradutório (TTs) por meio da verificação da variabilidade lexical das escolhas terminológicas dos tradutores com o auxílio da teoria e das ferramentas da Linguística de *Corpus*.

Ao analisarmos estes elementos, notamos que a tradução constitui-se enquanto ato social, perpassando fatores linguísticos e atribuindo às palavras, e mais precisamente aos termos, valores a serem negociados entre as comunidades de partida e de chegada.

Compreendemos que não existe uma definição de sociedade que seja única e aceita de modo geral, pois cada grupo humano organiza-se de maneiras distintas e vê o mundo sob diferentes perspectivas. De maneira geral, os estudiosos das Ciências Sociais procuram estabelecer uma totalidade das relações sociais entre as criaturas humanas, e a terminologia concernente ao panorama geral dos conhecimentos socioculturais torna-se, de certa forma, padrão. Observamos que, na tradução das obras darcynianas, a alternância na escolha de termos fica mais evidente em elementos que são marcados socialmente por valores folclóricos e representações de atos, atores e lugares culturalmente apresentados.

Dessa forma, diante dos resultados obtidos, esperamos que este estudo possa oferecer uma contribuição para os Estudos da Tradução Baseados em Corpus, para a Linguística de Corpus e para a Sociologia da Tradução. Esperamos também que os dados aqui apresentados possam fornecer subsídios a professores, pesquisadores, tradutores, alunos de tradução, bem como profissionais da área de Ciências Sociais, no sentido de promover a conscientização acerca das diferenças socioculturais contidas no léxico de especialidade e, também, de oferecer material de suporte para futuras traduções e para o desenvolvimento do *habitus* tradutório.

## REFERÊNCIAS

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BAKER, M. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, M. A. P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucena, 1999. p. 15-34.

\_\_\_\_\_. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 177-186.

\_\_\_\_\_. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7. n. 2, p. 223-243, 1995.

\_\_\_\_\_. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Org.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

\_\_\_\_\_. *In other words: a coursebook on translation*. London and New York Routledge: 1992.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. Linguística de corpus: histórico e problemática. *DELTA: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.

\_\_\_\_\_. *Le sens pratique*. Paris: Éd. de Minuit, 1980a.

\_\_\_\_\_. *Questions de sociologie*. Paris: Éd. de Minuit, 1980b.

\_\_\_\_\_. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz, 1972.

CAMARGO, D. C. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica / São José do Rio Preto: Laboratório Editorial, 2007. Coleção Brochuras, v. 1. 65 p.

\_\_\_\_\_. *Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 2005. 512 f. Tese (Livre-Docência em Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polisystem. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, R. (Ed.). *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978. p. 117-127 [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000. p. 199-204].

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diccionario de Ciencias Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GOUANVIC, J. A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances: Field, 'Habitus', Capital and 'Illusio'. *The Translator*, v. 11, n. 2, p. 147-166, 2005.

\_\_\_\_\_. The Stakes of Translation in Literary Fields. *Across Languages and Cultures*, v. 3, n. 2, p. 159-168, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sociologie de la traduction: la science-fiction américaine dans l'espace culturel français des années 1950*. Arras: Artois Presses Université, 1999.

\_\_\_\_\_. Pour une sociologie de la traduction: le cas de la littérature américaine traduite en France après la Seconde Guerre mondiale (1945-1960). In: SNELL-HORNBY, M.; JETTMAROVÁ, Z.; KAINDL, K. (Ed.). *Translation as Intercultural Communication: selected papers from the EST Congress Prague*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 33-44.

LAWRENCE, W. E. Alternating Generations in Australia. In: MURDOCK, G.P. (Org.) *Studies in the Science of Society*. New Haven: Yale University Press, 1937.

MICELI, S. et al. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v. 1. São Paulo: Inep, 1989.

PHILPOTTS, B. S. *Kindred and Clan*. Cambridge: Cambridge University Press, 1913.

RADCLIFFE-BROWN, A. R.; FORDE, C. D. (Org.). *African System of Kinship and Marriage*. London: Oxford University Press, 1950.

RIBEIRO, D. *O processo Civilizatório*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1968.

\_\_\_\_\_. *The Civilizational Process*. Translated by Betty M. Meggers. Washington: Smithsonian Institution Press, 1968.

\_\_\_\_\_. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*, Translated by Gregory Rabassa. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

SIMEONI, D. Translation and Society: The Emergence of a Conceptual Relationship. In: ST-PIERRE, P.; KAR, P. C. *In Translation: Reflections, Refractions, Transformations*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 13-27.

\_\_\_\_\_. The Pivotal Status of the Translator's Habitus. *Target*, v. 10, n. 1, p. 1-39, 1998.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance and collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, R. (Ed.). *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978. p. 83-100 [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/ New York: Routledge, 2000. p. 198-211]